

LEMBRANÇAS

Depois de uma idade, quando as crianças deixam de nos chamar de "tio", para usar a expressão "avô", a memória próxima vira u'a merda. A gente esquece de datas, compromissos, fatos acontecidos no dia anterior e, principalmente, de nomes. O remédio é tomar nota de tudo, usar a agenda ou o computador, fazer listinhas ou amarrar um barbantino num dos dedos. São processos mnemônicos, que auxiliam, mas não resolvem as falhas mentais. O ruim é que, às vezes, se olvida porque o barbante foi amarrado... Em compensação, a memória remota é perfeita. Lembra-se de fatos, coisas, pessoas, ocorridos há mais de 50 anos, que vêm à mente com minúcias. Acho que é por isso que se diz que o velho vive no passado.

Mas, fazer o quê?

Já estou acostumado. Tenho uma agenda que fica grudada na parede, atrás de minha cadeira favorita. Toda manhã, corro os olhos para a dita cuja, anotando os fatos mais importantes num pedaço de papel e parto para o cotidiano.

Enquanto rabiscava estas "bem traçadas linhas", como sempre o pensamento voou (autônomo) para a mocidade, para meus 19-20 anos. Na época fui muito ligado à cidade de São

Carlos, onde morava (Rua Padre Teixeira, nº 69), minha avó paterna, Maria do Espírito Santo Negrão ("vó" Mariquinha), de quem falarei depois.

Freqüentando habitualmente aquela cidade, tive uma namorada, que era um colosso e por quem me apaixonei. Toda semana baixava em São Carlos, pois como aluno-piloto do Aero Clube local, pegava o avião Paulistinha e ia ver meu maior amor do mundo. A moça, além de bonita e com um corpo de égua de corrida, era distintíssima, de família. Só para pegar-lhe a mãozinha, no cinema, levei mais de 3 meses...

Por sorte cursava a Faculdade de Direito de São Paulo, dependia totalmente de meu Pai e não tinha de meu nem um tostão furado. Se tivesse teria casado e dado com os burros n'água. E o amor foi aumentando, escrevi versos e fiquei bobo de vez. Mas, como todo grande romance acaba em tragédia, num dia negro, terrível, descobri que minha amada, que tinha todas as virtudes do mundo, passeava de carro e namorava meu tio, lá residente. Parece que a infiel gostava muito da minha família...

Durante os meses de namoro, só consegui pegar a mãozinha de minha Dulcinéia, mas o parente traidor pegava em tudo, usava tudo da desgraçada. Tirei o time de campo. Deprimido, encetei a última viagem e, quando sobrevoava

Araraquara, resolvi morrer. Chorando tirei uns "rasos" dessa cidade e por pouco não me arrebentei. É verdade que o como não raciocina direito, mas consegui pensar e alijei meu suicídio, justificando que o aviãozinho era o único do nosso aero clube e eu não poderia privar os outros pilotos do seu uso.

Obviamente, o tempo cura tudo. Após uns meses, voltei a freqüentar São Carlos, já que a casa de minha avó era o melhor lugar que existia sobre a face da terra. Dizem os antigos que numa família em cada geração, existe um bom, perfeito. Os demais parentes são chatos, implicantes, vulgares, impertinentes, gananciosos. O primeiro é venerado, os demais, quando muito, são tolerados. Minha avó Mariquinha era perfeita, a melhor mulher que conheci.

Originariamente veio de Minas Gerais e, em Barri, casou com Joaquim Negrão, com o qual teve 8 filhos. Como o marido já tinha um outro filho de seu primeiro casamento, ficaram 9 crianças pequenas, pois meu avô morreu com 42 anos, de nefrite. Embora fosse escrivão de cartório e possuísse algumas casas, ao tempo não existia aposentadoria. Para criar os 9 filhos, minha avó foi vendendo os bens, costurou para fora e deu pensão (marmitas). Perdeu tudo menos a fé. Encaminhou todos (Horácio, Odilon, Horizontino, Sebastião, Sérgio, Joaquim, José Sérgio, Aparecida e Eunice) e mais uma prima agregada (Júlia).

Apesar da luta imensa, do trabalho constante, sua casa foi a mais feliz que conheci. Embora faltasse o dinheiro, sobrava o amor. Minha avó era pequena, usava tranças ainda negras quando morreu. Realmente, não era apenas uma pessoa de carne e osso, pois possuía bem mais: bondade, amor, determinação, espírito de renúncia. Sua voz era mansa, mas todos a ouviam, embora nunca falasse alto. Os filhos e netos a olhavam de modo diferente, com respeito, como quem estivesse frente a um altar dentro de um templo. Acho que os santos são assim: calmos, mansos, desapegados e, sobretudo, propiciam avalanches de amor.

O cômodo mais importante de sua casa era a cozinha, com 2 fogões, um elétrico e outro à lenha. Os visitantes, desde os mais pobres aos mais importantes, não eram recebidos na sala. Todos iam para a cozinha, onde a avó passou 80% de sua vida. Fumava cigarro de palha e, enquanto conversava, não parava um minuto. Fazia coisas, como se tudo fosse fácil: bolinhos, sequilhos, balas de coco, carnes, café com leite, pão com manteiga, pipoca, bolos, além do almoço e do jantar. Intuitivamente, ela sabia a verdade, que só aprendi recentemente, que as pessoas felizes são as que sempre estão fazendo alguma coisa, que a atividade constante não deixa o pensamento flutuar. Quem fica parado, somente olhando a

corrente, é triste, vazio, infeliz e digno de pena, porque estático, não participa da atividade constante que nos cerca. Mesmo caindo aos pedaços, deve-se trabalhar, lutar, fazer, querer e sonhar. Assim era minha avó, que vive ainda no altar de meu coração. Se Deus permitir, assim quero ser, trabalhando, lutando querendo, amando, sonhando... até o fim, desfrutando a ventura da atividade, que se chama vida.